ANO 1.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1922 N.º 230

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O *Mundo* e *A Manhã* opõem o mais formal desmentido aos boatos que correram ácerca de qualquer transformação nas suas emprezas e na sua orientação — boatos de que nós, com a melhor das intenções, nos fizemos eco.

Muito nos apraz que assim seja, visto que não temos empenho em que se modifique a situação de tão distintos colegas.

* * *

UM nosso leitor envia-nos num postal a seguinte anecdota, pedindo-nos que a recomendemos ao sr. Cunha Leal:

—«Comment vont vos sujets á Lisbonne?» —preguntou D. Fernando a Passos Manuel.

—«Senhor, eu não tenho subditos, mas sim S. M. a rainha».

—«E não lhe obedecem?

—«Não obedecem, porque S. M. manda o que não pode e o que não deve».

* * *

O SR. Carvalho Santos, chefe do gabinete do ministerio do Interior, que apresentara a sua candidatura pelo circulo de Angola—por onde chegou a ser eleito, por não haver chegado a tempo comunicação do adiamento sofrido pelo acto eleitoral—pensa agora em propôr-se por Viseu, distrito em que já exerceu o cargo de governador civil e conta muitas simpatias.

* * *

DIZ-SE que, quando o sr. Cunha Leal se consagrava á organização do ministerio, um antigo ministro lhe escrevera uma carta, oferecendo os seus prestimos, que poderiam ser aproveitados no provimento de certa pasta, muito da sua simpatia. Alguem que soube do caso, exclamou:

—«Aqui está um homem que Diogenes nunca descobriria com a sua lanterna!»

* * *

A Casa Camilo Lambertini, L.da, de Vila Nova de Gaia, ofereceu-nos uma caixinha com três garrafas dum afamado vinho do Porto que é de molde a robustecer a nossa crença na nobre terra do Douro, creadora de vinhedos maravilhosos, dignos de por eles passearem os deuses rusticos — faunos amaveis e ninfas de colo impecavel,

* * *

CERTA senhora, que não é absolutamente carecida de espirito, ao receber pelo correio um livro de versos duma poetisa sua amiga, disse:

—«Coitada! não está mais na sua mão...»

* * *

O SUPREMO Conselho de Finanças recusou o visto a todas as nomeações feitas pelo sr. dr. Veiga Simões.

* * *

ASSUMIU hoje o cargo de major-general da Armada o almirante sr. Pereira Nunes.

* * *

O CONGRESSO das Juntas de Freguesia, que se realiza no Porto, ficou adiado para os dias 31 de Janeiro e 1 e 2 de Fevereiro.

Os militares e a politica

Publicamos a seguir uma carta escrita por pessoa que do assunto entende em que se frisa a necessidade dos militares serem exclusivamente militares, deixando de intervir na politica com frequencia e o desprestigio que está na memoria de todos.

Bem sabemos que se torna necessario pagar-lhes melhor, pois que, neste momento, o seu exiguo soldo faz deles uma especie de proletarios, sempre á espera de verbas suplementares para equilibrarem o seu tormentoso orçamento domestico. O sr. ministro da guerra que deve conhecer muito melhor do que nós esta dolorosa situação e as repercussões que ela não póde deixar de ter na disciplina das tropas, certamente cuidará de lhe dar um remedio.

O problema é dos que lidam de perto com a questão de ordem publica e, portanto, com o nosso ressurgimento moral, economico e financeiro.

Ha necessidade de reduzir os efectivos?

Pois que se reduzam com um grande espirito de justiça, de maneira que o corpo dos nossos oficiais seja digno de todo o respeito pelo seu porte e pela sua cultura, votando-se ao estudo dos assuntos de paz e guerra, alheios a outras preocupações e interesses. O estado actual não deve manter-se.

Sr. Director:—Neste país tudo são palavras que os factos desmentem.

Não se quere a politica no Exercito, e, no entanto, todos os dias o ministerio da Guerra autoriza que oficiais de diferentes unidades vão ocupar cargos civis politicos!

Ainda agora estava um major no govêrno civil de Viana e foi exonerado para ir para lá um capitão!

E esses oficiais que vão fazer nos cargos administrativos?

Politica. Servir os interêsses dos *caciques* do distrito—politicar, emfim.

E são tantos por êsse país fora, como governadores civis e administradores do concelho, que dá vontade de preguntar ao sr. ministerio da Guerra porque é que êsses oficiais, sem prejuizo dos serviços do Exercito, vão para essas comissões.

E' por não serem precisos nas unidades? Então porque se não reduzem os quadros?

Fazem falta nos serviços militares? Então porque vão para essas comissões?

De duas uma. Ou, então, para desmentir as palavras, são mandados para êsses cargos civis, a fim de tirocinarem para eleiçoeiros.

E eis aqui como o ministerio da Guerra pratica esta coisa inaudita — autoriza que os oficiais do Exercito vão politicar, em cargos civis, por êste país fora!

E é por isso que a indisciplina lavra prodigiosamente em muitas unidades do Exercito, onde ha, entre oficiais e sargentos, grupos politicos diferentes que, chegados os periodos eleitorais, desatam a degladiar-se como inimigos terriveis, galopinando pelas freguezias, fardados e em grupos.

Podemos citar exemplos, mas para quê, se o ministerio da Guerra é que faz politicos os oficiais do Exercito!

X.

LÁ COMO CÁ...

(Desenho de Stuart Carvalhais)

A LUA—O que vais tu fazer, Saturno?
SATURNO—Vou pôr o anel no prego. A vida está tão cara!...

O PRINCIPE Sixto de Bourbon tem trabalhado em Roma, onde se encontra, para que os ex-imperadores Carlos e Zita possam deixar o seu desterro na Madeira, indo fixar residencia na Riviera italiana. Se conseguir o que deseja, a Italia não os perderá de vista facilmente, porque sabe o penhor que eles representam para a sua tranquilidade futura.

* * *

TODOS nós mais ou menos apontamos os defeitos do parlamento que o «19 de outubro» veio surpreender em plena crise de esterilidade. Pois, apesar disso, muita gente continúa a trabalhar, para que o parlamento a eleger seja feito á imagem e semelhança do seu antecessor. E' com estas complacencias que medram os nossos vicios e se avolumam os exitos da nossa politica.

* * *

UM sabio italiano descobriu maneira de tornar transparentes todos os corpos opacos. Desconfiamos de tal descoberta, mas se fôr verdadeira, deve fazer muito mal ás pessoas que afirmam ter no seu coração um cofre de bons sentimentos.

* * *

CONSTA-NOS que foi passado mandado de captura contra o editor da *Monarquia*, devido á publicação, naquela colega, de um artigo em que é ultrajada a bandeira nacional.

* * *

SEGUNDO o sr. Carlos Gomes, que *A Patria* entrevistou, só existe um problema nacional—o caminho. E' pena que não diga tambem que, para lhe achar uma solução, é necessario descobrir pelo menos a de muitos outros problemas, de que ele é uma especie de sintese.

* * *

DIZ-SE que vai ser colocado no Cairo, como juiz do Tribunal Mixto Internacional, o sr. dr. Vasco Borges.

* * *

O SR. Anibal Lucio de Azevedo, administrador da Casa da Moeda, teve hoje demorada conferencia com o sr. ministro das Finanças.

* * *

ESTÁ melhor o sr. ministro da Agricultura, tendo já comparecido hoje na sua secretaria.

* * *

SEGUNDO nos informam, o sr. Nobrega Quintal não será reintegrado no cargo de governador do distrito de Quanza Sul, em Angola.

* * *

CONFERENCIOU hoje com o sr. ministro dos Estrangeiros o sr. Urbano Rodrigues.

* * *

REGRESSA hoje á noite de Coimbra o sr. ministro do Trabalho.

* * *

INTITULA-SE *Para onde vais, Maria?* o proximo livro de Manoel de Sousa Pinto.

* * *

ANDRÉ BRUN fará no dia 17 deste mês, no teatro Nacional, uma conferencia sobre «Moliére».

S. Carlos

Huguenotes

Mais do que nunca nesta epoca, deu S. Carlos ante-ontem a impressão dos tempos idos. Existe ainda entre nós, já bastante dizimada pelos anos, uma geração de velhos «dilletanti» que nas ultimas epocas de opera desaparecera daquela plateia, com a aragem de modernismo que sentia, pouco a pouco, invadir os espiritos. Esses velhos, sobre quem cái, com a neve dos cabelos, o prestigio da poeira doirada do tempo, que continuamente invectivam a nossa geração, chamando-a falha de cortezia e de graça, acusando-a de indelicada e pouco espiritual, esses velhos que se escandalizam com o nosso pratico «você» e com os nossos «fox-trots», são as reliquias vivas de um passado distante em que a galanteria era lei e em que os garganteados lamechas do ultra-romantico italianismo do seculo passado foram assunto de exaltadas polemicas onde se discutiam, com aquele fogo que a mocidade e a paixão põem sempre em tudo o que tocam os talentos e, mais do que os talentos, a formosura d'esses rouxinois... de arribação que tão importante papel desempenharam sempre na vida sentimental da parte masculina desta nossa sociedade de entusiastas e de amorosos, eternos herois de galantes aventuras.

Esses velhos que, emquanto nós escutavamos religiosamente as dominadoras harmonias de Wagner, se recolhiam melancolicos aos longes esfumados da sua saudade intransigente, sacudiram ante-ontem a naftalina das suas velhas casacas «demodées», refractarias como eles ás inovações do tempo, e vieram para á sala de S. Carlos, revivendo os triunfos da sua mocidade distante, fazer o confronto dos «Huguenotes» de hoje com os «Huguenotes» de outros tempos. E' provavel que na sua parcialidade de «entetés» eles não gostassem e trouxessem para o campo das apreciações, num piedoso gesto de saudosa evocação, a inevitavel superioridade das coisas do «seu tempo». Eu, porém, que não posso estabelecer esses confrontos porque... o «meu tempo» é outro, confesso sinceramente que o desempenho ante-ontem dado aos «Hugnenotes», opera cheia de dificuldades vocais e ha muitos anos ausente dos cartazes do nosso lirico, me não desagradou.

A senhora Elsa Bland poz uma vez mais em evidencia os seus belos recursos vocais e, se é certo que ante-ontem não teve ocasião de dominar tão completamente os que a ouviam como ha poucos dias ainda na sua soberba interpretação da Isolda, de modo algum deixou de confirmar o meu conceito de então, pois a sua escola é magnifica.

A senhora Sabaneyeva, soprano ligeiro muito firme e claro, encantou o publico pela frescura e puresa de timbre da sua linda voz, assim como pela distinção com que encarnou a figura aristocratica de Margarida de Valois.

A senhora Capuana houve-se, como de costume, como uma excelente artista, cantando e representando bem, com sobriedade e perfeita naturalidade.

O tenor Sullivan que, como a senhora Sabaneyeva se estreava ante-ontem, possue voz extensa, maleavel, com um cunho de segurança mascula que, a par da sua maneira inteligente de representar, lhe conquistou entusiasticos aplausos.

Formichi, sempre correcto e sempre notavel artista, ainda que num papel pequeno.

O baixo Cirino, que Lisboa inteira aprendeu a admirar fervorosamente na epoca passada na sua extraordinaria criação do «Gurnemanz» do «Parsifal», deu-nos ontem no escudeiro Marcelo mais uma faceta admiravel do seu talento excepcional. A sua voz parece de ano para ano ganhar em elasticidade e beleza de timbre, a sua dicção é sempre impecavel e o seu talento dramatico, que dele faz um dos maiores artistas scénicos que têm vindo ao nosso S. Carlos, afirmou-se ante-ontem uma vez mais, sendo muito merecidamente aplaudido.

O baixo Gribaldi na parte de Saint-Bris. E os restantes, assim como córos e orquestra, que foi dirigida pelo maestro Blanch, formando um conjunto que, no geral, agradou.

Oliva Guerra

VICTOR MOREIRA FONTES
— CLINICA GERAL — DOENÇAS DAS SENHORAS —
CONSULTORIO
Rocio, 59, 1.° — Tel. 5:497 C.
— CONSULTAS DAS 4 ÁS 6 —

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

Vida comercial

OS COMERCIANTES Isidro Lopes e Gabriel Correia Valerio, que faziam parte da firma Valerio, Lopes & Ct.ª, Ltd.ª, de que foram fundadores, cederam as suas cotas naquela sociedade, outorgando-as por escritura de 31 de Dezembro findo, nas notas do dr. Norónha Galvão. Os dois antigos negociantes de ferragens, que já se encontram associados sob a firma Lopes & Valerio, Ltd.ª, vão continuar a explorar o mesmo ramo, para o que recebem as presadas ordens dos seus clientes na sua séde rua Nova de Almada, 16.

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

CRONICA FINANCEIRA

"CREDITO LÁ FORA, E ORDEM CÁ DENTRO"

Preparêmo-nos para os sacrificios bem entendidos

Há que reconhece-lo e agradece-lo: o sr. Cunha Leal tem prestado ao paiz, neste curto termo do seu governo, o incomparavel serviço de lhe permitir esperanças no ressurgimento estavel da Ordem. A necessidade dessa Ordem, com ó grande, explicou-a s. ex.ª na notavel conferencia proferida na sala da velha e gloriosa Academia das Sciencias de Lisboa.

Disse assim, segundo o relato dos periodicos:

«—Se a fome no fundo fosse a explicação de todo o mal, matariamos a fome ao povo português. E então a resposta facil seria: «modificaremos as condições do mercado, valorizaremos a moeda, acabaremos com a carestia da vida». Mas esta resposta não pode dar-se. E' dificil o triplice objectivo. E agora cabe uma declaração...

E a assistencia espera. O conferente elucida:

—Não me quiz meter no 19 de Outubro. Não quiz ser chefe do movimento. E fiz mais: disse aos que me convidaram:

«—Tomem cautela. Não digam ao Povo, que tem um criterio simplista, que exige realisações imediatas, que lhe vão matar a fome, porque o não podem fazer...». O perigo do 19 de Outubro foi sobretudo esse. Não há a esse respeito politico algum que possa atirar uma pedra aos outubristas. Todos têm enganado o povo com falsas e conscientes promessas. A imaginação excessiva do povo português facilmente aceita, na tribuna, a promessa de que lhe melhoram as condições de vida. Depois... Erro, erro grave! (alguns apoiados).

— Mas, prossegue, ha que sair desta situação economica critica. Não ha, por agora, maneira de valorizar a nossa moeda. E para sair desta situação complicada e sombria em que nos encontramos, para podermos baixar um pouco o custo da vida só um, um unico remedio existe, um apenas, inevitavel (espetactiva): o credito externo. O remedio é o ouro do estrangeiro. Tudo que não fôr isto, são panacéias de opereta. Simplesmente, para obter credito lá fóra é preciso ordem cá dentro, e aqui voltei ao assunto da minha proposição. E para obter ordem cá dentro é preciso haver a garantia do credito lá fóra. De modo que estamos em presença de um autentico «circulo vicioso». O problema é, pois, este, e urge resolvê-lo nos termos em que o ponho, sem querermos nem consentirmos impulsos de caserna, sem nos guiarmos por criaturas de estreita visão, sem atendermos nos conselhos dos idealistas, cujo ideal é uma unica e até imaginaria estrela. Credito lá fóra e ordem cá dentro (aplausos discretos)».

Compreende-se a orientação do sr. Cunha Leal: sem a ordem cá dentro não teremos o credito lá fóra, e que o credito externo tão indispensavel não virá sem o renascer da ordem, di-lo o bom senso, di-lo a experiencia dolorosa e disseram-o ainda, na conferencia de Cannes, os aliados ao definir as linhas gerais em que as potencias poderão auxiliar eficazmente a reconstrução da Europa:

2.° Não é possivel dispôr de capitais estrangeiros para auxiliar outros paises, senão quando estas garantias aos fornecedores que os seus capitais e direitos serão respeitados e que os lucros das suas empresas lhes serão assegurados.

Quem? que governo? que país pode assegurar o respeito pelos capitais estrangeiros, antes de se munir da evidencia da Ordem?

O sr. presidente do ministerio está, pois, calçado e vestido de razão quando faz formar á direita de todas as condições da salvação nacional a aspiração da ordem, para a qual tem contribuido com raro *doigté* politico e com portuguesissima coragem.

E' natural que, nesta hora em que o primeiro pilar da salvação patria ainda não deitou a altura e a fundura necessarias, o sr. Cunha Leal não quizesse distrair a atenção publica, com o conjunto dos esforços que a nação ha-de ser chamada a empregar, cumprido que seja o *sine qua non* da ordem.

Bom é que a nação vá compreendendo que não é só por estar socegada que o capital estrangeiro lhe entrará pela porta dentro, como os premios aos escolares bem comportados. Se ninguem auxilia desordeiros, tambem ninguem ajuda preguiçosos e maus pagadores.

O capital estrangeiro não acudirá, mesmo depois do renascimento da Ordem, emquanto lá fóra se não vir trabalhar, sob um plano estudado e acertado de fomento, e emquanto se não reconhecer que hemos de pagar a estranhos, desde que pagamos cá dentro, a nós mesmos, os gastos do Estado.

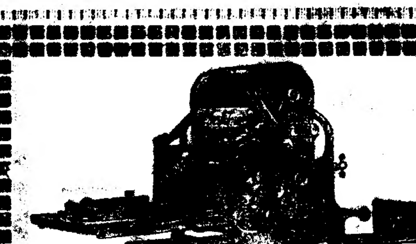
Supôr que se pode fazer tudo com uma operação externa e uma desvalorização da moeda, é puro engano. E' preciso mais, muito mais: é preciso que liquidemos as contas da guerra, pondo termo a este desiquilibrio orçamental. Preparemo-nos para a hora dos sacrificios bem entendidos, e oxalá que o sr. Cunha Leal consiga aproximá-la!

Sem o sacrificio de todos não pensemos em salvação.

Acabemos com a mal-sã doutrina do messianismo, porque apelar para o capital externo, apenas, ainda é uma forma de erguer os braços para o alto céo, a requerer-lhe o Messias redentor.

Um homem não salva uma nação.

Uma nação é que pode colocar um homem em condições de ser o organizador da salvação da patria.


CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!
O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES
D. Gestetner
70 copias por minuto
pode ser nos dois casos de imensa utilidade
Peçam detalhes á casa
— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.°
LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

TELEPHONE, C. 861
JOSÉ DE PINHO COSTA & C.ª (F.º)
Especialidade em dôces e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73—LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Francisca de Almeida e Vasconcelos de Noronha; D. Maria Claudia de Ataide Malafaia Palma de Vilhena; D. Isabel de Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Isabel Luz (Coruche) D. Elisa de Carvalho Ramos, D. Maria José de Mendonça e D. Maria Emilia Pinto Coelho.

E os srs.:

Gaspar Falcão Cota Pinheiro de Azevedo Velho de Barbosa e Bourbon (Azevedo), Diogo de Melo (Cartaxo) e Alvaro Ferreira Pinto Basto.

Concertos elegantes

No S. Luís

Assistencia elegante ao concerto de ontem:

Viscondessa de Porta da Cruz, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Eponina Mackee, D. Alice Danin Lobo Santos Moreira, D. Rosa Drago Herrera, D. Laura Santana Galhardo, D. Ana Judice de Vilhena, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Margarida de Mota Canavarro, D. Maria Amelia Contreiras Cid de Pereira Coutinho, D. Palmira Lucas Torres, D. Albertina de Navarro de Sampaio,

D. Sofia de Oliveira Portela, D. Maria Amelia Aires de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Adelaide Bramão Reis, D. Fernanda Barreira de Campos, D. Hercilia dos Santos e filha D. Branca; D. Ilda dos Santos David; D. Aida Moura, D. Alice Moura Viana, D. Felicidade Pereira de Carvalho, D. Maria Helena Perry de Linde, D. Maxima Arriaga de Melo Tavares e filhas, D. Elisa Plantier Martins Dias Costa, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, D. Margarida Ferreira de Aguiar, D. Berta Macieira Reis, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Raquel da Mota Marques de Carvalho, D. Maria de Carvalho Ferreira, D. Luisa Gomes de Andrade e filhas, D. Alda e D. Maria Carlota; M.me Arez, D. Dolores Brandão e irmã, D. Maria Carolina Serzedelo, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, D. Ema de Navarro Hogan, D. Leonor Pinto Leite (Olivaes), D. Maria de Lourdes de Castro (Nova Goa), D. Maria da Natividade, D. Maria da Conceição e D. Maria Isabel Anrens de Novaes, D. Maria Luisa Nuires do Vale Nunes da Silva, D. Laura Barbosa da Cunha Soto-Maior, D. Maria Mac-Bride, D. Maria Margarida Gomes de Faria, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante ás duas ultimas recitas:

Madame Padilla e filhas, madame Viscovich, marquesa de Avila e Bolama, condessas de Alferrarede, de Castelo Mendo, da Louzã, de Calhariz e de Pinhel (D. Dolores), viscondessa de Marco e filha, D. Beatriz de Lancastre, D. Sarah da Mota Vieira Marques, D. Eugenia de Ornelas Bruges de Oliveira, D. Suzana Garcia Sagastume, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Helena Mauperrin dos Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Rosa Drago Herrera, D. Deolinda da Fonseca, D. Eponina Mackee, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filhas, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Alice Carneiro Neto Rebelo, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Sofia da Rocha Machado, D. Maria de Castelo Branco Arantes, D. Guilhermina Felix da Costa, D. Aurora de Albuquerque de Eça Leal, D. Gerty Abecassis, D. Ana Moreira de Carvalho, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Elvira da Costa da Cunha Viana, D. Ludovina Viana Pinto Coelho, madame Plantier e filha, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Maria Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria de Brissac Neves Ferreira, D. Julieta Neves Ferreira Cancela de Abreu, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi.

D. Arminda Machado Talone da Costa e Silva, D. Maria Neves Ferreira Lobo de Campos, D. Maria Rosalina Viana Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Raquel Vieira de Matos, D. Clotilde Bon de Sousa Carneiro, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Maria Luiza Schroeter de Oliveira Pires de Sommer, D. Maria Schroeter Viana e filha, D. Julieta de Oliveira Pires, D. Claudina Vieira da Silva de Campos, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Maria Margarida da Mota Marques Soares Leite, D. Berta Mauperrin dos Santos de Castelbranco, D. Maria Luiza Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Maria Inacia e D. Maria Domingas de Castelbranco, D. Maria Silvana da Fonseca de Barros e Sá, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena, D. Antonia Correia de Sampaio, D. Hortense Costa, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida (Pinhel), D. Maria Tereza Monteiro de Almeida, D. Margarida Moutela, «miss» Mabel Pother, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dá «rendez-vous» amanhã de tarde na «matinée» do Cinema Condes.

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?
Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.
FARMÁCIA FORMOSINHO:
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

NACIONAL Telefone C. 2049

Ultimas representações

HOJE — A notavel e interessantissima peça

Casa Cercada

Empolgante entrecho — Scenas intensamente dramaticas — Brilhante desempenho — Grande aparato

A TOMADA DE JERUSALEM

pelos inglezes durante a grande guerra — O mais belo dos espectaculos — Conjunto verdadeiramente artistico

DERRADEIRA SEMANA

A seguir: 4.ª recita de assinatura com a «première» da peça

O CENTENARIO

original dos irmãos Quintero.

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Companhia Otelo de Carvalho

de que fazem parte

Antonio Gomes, da Trindade, **Laura Costa** e **Julia de Assunção**

— HOJE — EM DUAS SESSÕES —

Ultimas representações da imortal revista

Bichinha Gata...

antes da ESTREIA de Lina Demoel, que se efectua AMANHÃ com

5 NUMEROS NOVOS DE SENSAÇÃO

Preços populares

EDEN-TEATRO

HOJE—2 sessões—Ultimas representações Na sua primitiva forma, da querida, popular e imortal revista

TIC-TAC

Com todos os seus encantos e atractivos

QUINTA-FEIRA—Recita de homenagem ao impagavel actor

Nascimento Fernandes

em que toma parte, por amavel e gentilissima deferencia, o distinto actor ESTEVAM AMARANTE, que desempenhará no quadro PAX da revista NOVO MUNDO, a sua genial criação

O Fado do Ganga

Primeira representação do quadro novo do TIC-TAC

1922

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais — Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

EPISTOLARIO

Uma carta que

Eça de Queiroz

escreveu a

Emidio Navarro

onde o grande romancista pede ao brilhante jornalista umas "gotas de reclame" para a "Revista de Portugal"

Na carta que Marta amigo quere que eu enfilete, ha toda a elegancia do belo nome que a subscreve.

Não é arte facil a de pedir. Muito rara, a do pedir com espirito.

Lembrando a efusão com que bebera á saude das *Novidades*, corria Eça, suponho eu, ao encontro da simpatia de Emidio Navarro pela recemnada *Revista de Portugal*, a que o romancista chama «*baby* do sexo neutro» para afastar do politico, suponho ainda, qualquer suspeição partidaria.

Com a sua impecavel linha de cavalheiro e de escritor, Fradique da prosa, Jacinto, nas maneiras, o estilista soube desbanalizar o pedido vulgar dum reclame com um pouco de bom humor.

Antes mesmo de obter o que solicitava, começava por dar do melhor que tinha, derramando, não «sobre a nucasinha das *Novidades*», mas sobre o cachaço do seu Hercules, gôtas do Champagne, em que a sua pena se molhara.

Manuel de Sousa Pinto

Porto
12 Março
1889

Meu caro Emigdio Navarro

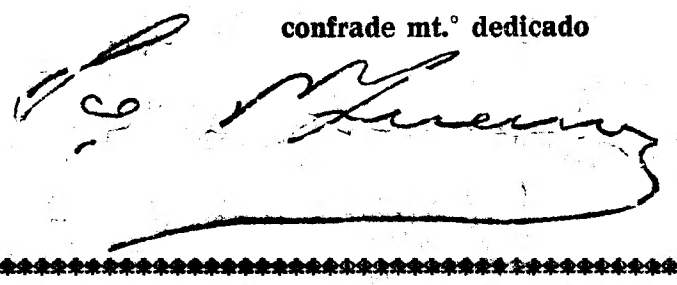
Há annos, numa noite de ceia e d'alegria, deitei por sobre a cabeça tenra das «Novidades» que acabava de lhe sahir das entranhas, — o «champagne» baptismal...

As «Novidades» cresceram, teem agora a voz grossa, e a barba forte da virilidade. Ora eu, por meu turno, encontro-me hoje amparando nos braços um enorme «baby» do sexo neutro que se chama a «Revista de Portugal». Parece-me pois justo que as gotas de «champagne» que eu derramei com unção sobre a nucasinha das «Novidades» na sua infancia — me sejam pelas mesmas «Novidades», agora robustas e prosperas, pagas em gotas de «reclame» sobre a «Revista de Portugal». Se o Emigdio Navarro, que é generoso, não gosta d'este «reclame» às gotas — a «Revista de Portugal está alegremente prompta a recebêl-a às canadas.

Venha d'ahi pois o benefico jôrro!

Creia-me sempre, meu caro Emigdio Navarro

confrade mt.º dedicado



POLITEAMA

Telef. C. 1028 A's 21,15

ZA' ZA' **HOJE---A peça de maior exito da actualidade**

Ultimas representações

SABADO, 14. — Recita extraordinaria — Festa da grande actriz **Lucinda Simões.** — 1.ª representação da peça de Cavestany

IDILIO DE VELHOS

Domingo, 15 — Concerto extraordinario pela **Orquestra Sinfonica de Lisboa** sob a regencia do maestro FERNANDES FÃO

AVENIDA

Ultima semana da comedia

PAI SIMÃO

SEXTA-FEIRA, 13

Reaparição da actriz

LUIZA SATANELLA

O Toureador

TEATRO DE S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada

Telef. C. 5063

HOJE, Segunda-feira, 9, ás 20,30 h.

11.ª recita de assinatura ordinaria

Segunda e penultima representação da opera de Meyerbeer

Huguenotes

Desempenhada pelos primeiros cantores Bland, Sabaneyeva, Capuana, Sullivan, Formichi, Cirino e Griff

E' O LEVAS **APOLO** **E' O LEVAS**

HOJE E SEMPRE

Grande sucesso!

APOLO

AMANHÃ—15ª representação em recita dos autores srs. Raul Leal, Alfredo Gameiro e Candido Malheiro

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$** LISBOA **CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente — Compra e venda de cambiais — Cartas de credito sobre o país e estrangeiro — Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO — COIMBRA — VIANA DO CASTELO — SANTAREM — FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

DR. MANUEL BARBOSA

Clinica geral

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

R. DO OURO, 191

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:0[illegible] CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Do amor que não morre

Para eu não dizer nada nesta cronica ou dizer o que toda a gente diz, bastava agarrar no tema, traçar-lhe a historia, na arte e na literatura. No entanto, começo por afirmar: os romances de amor não são tirados da vida, são eles que a fazem. Concordará a leitora? Vote, minha senhora, vote agora, já que os poderes publicos, contra a opinião expressa do gentilissimo ministro dos Estrangeiros que se considera Apolo, não consentem que V. Ex.ª, de mão enluvada, escape pelo buraco da urna, nas proximas eleições, o seu candidato perfumado, no quadradinho de papel de uzança.

Passado este Rubicon da dificuldade, que é sempre o pensamento aglutinado ás primeiras linhas do que se escreve, prometo a seguir, temperar o chá com algumas opiniões romanticas, serias e demodées.

O amor tem moda. E' cada vez mais futil, mais leve. Bambino Cupido do padre Manuel Bernardes já pousou a aljava, apagou o seu sorriso, substituido por todas as chaines de amour, *por todas as* mascottes, *por todas as bonecas louras, que da França nos vieram. O amor agora é exaltação dos sentidos, perduravel por instantes—só por instantes. Modernamente chamaram-lhe* flirt, *chamemos-lhe tambem assim para dizer que ele tem paragens certas, destino fixo e greves obrigatorias, tal qual um electrico. Tem sempre uma taboleta: destino certo e curto. Devia ser assim? Não devia? A ultima frase para nós, não tem interrogação. Parentesis: este tema é sempre difícil de tratar á força de já estar tão mal tratado. Por ele chega-se a Cabreira, pela senda do ridiculo. Fecha parentesis.*

O amor não envelhece, não tem cabelos brancos, nem rugas, nem relogio de pulso a marcar quartos de hora. O amor vive sempre, eternamente, abençoado pelas mãos dos que amam. Desaparece o tempo, emquanto os teus olhos, meu amor, viverem encantados numa onda de alegria, emquanto o teu sorriso florir a todos os instantes, numa primavera eterna... E assim, como aquelas estatuas mutiladas que ainda tem beleza, beleza mutilada e grandiosa; assim o amor não morre, mesmo que um dia, tu, leitora, que não lês folhetins nem lhe chamas flirt, tiveres a palavra cruel e dolorosa que é o adeus!

Artur Portela

O governo

reune ámanhã em conselho

Ha ámanhã conselho de ministros para serem apreciados varios assuntos de administração publica. Nesta reunião, o sr. ministro do comercio apresentará um trabalho completo ácerca do que é possivel fazer dentro do seu ministerio.

Quem irá para a legação de Madrid?

Com o sr. ministro dos estrangeiros conferenciou hoje, cerca de duas horas, o sr. Leote do Rego, constando não ser estranho a esta conferencia, o preenchimento do cargo de ministro em Madrid.

Continua a afirmar-se que quem tem mais probabilidades de ser nomeado, é um conhecido e distinto jornalista.

OS PROGRESSOS DA FOTOGRAFIA

Inauguração da «Pictorial Photography»

Na rua Pascoal de Melo, 22, á Estefania, inaugurou-se ontem a «Pictorial Photography», um importante e aperfeiçoado centro fotografico, da direcção do sr. Alfredo Grancha. Da exposição de fotografia de arte, que tivemos ocasião de visitar, constam interessantissimos trechos de paizagem, em que os efeitos de luz foram esplendidamente aproveitados. Ao sr. Grancha e á «Pictorial Photography» deseja o *Diario de Lisboa* as maiores prosperidades.

OS SENHORES "ANONIMOS"

Um grande mal da monarquia que pode ser o peor mal da Republica

O sr. dr. João de Deus Ramos fala da politica e dos politicos

Os srs. «anonimos», a que me quero referir, são todos aqueles senhores, antigos senadores e antigos deputados, ex-governadores civis e ex-ministros, cujos apelidos as gazetas teem apregoado repetidas vezes, mas o grande publico não conseguiu nunca fixar.

Na eminencia dos altos cargos que desempenharam, foram tão banais ou inferiores, na exteriorização das suas pobres qualidades, que ninguem mais com eles se importou.

E' certo que os seus nomes aparecem ainda, aqui e além, na imprensa diaria. Mas quem os conhece? Apenas os funcionarios que transitoriamente deles dependeram, e que são os unicos elementos que podem fazer prova testemunhal da respectiva identidade politica.

Os srs. «anonimos» mexem-se á vontade na extensão infinita do seu anonimato, porque, em verdade, não sabem falar, nem sabem escrever. Tão pouco se afirmam como homens de acção, em qualquer obra de valor construtivo. Consequentemente, se falam ou escrevem, ou se se metem nalgum empreendimento, ninguem os atende, ninguem os lê, ninguem os ouve, porque não vale a pena, porque a ninguem interessam.

Teem, entretanto, uma vantagem que aproveitam com notavel espirito pratico. Usando da pertinacia que tudo vence, procuram manter um logar certo nas primeiras filas dos partidos politicos. Uma vez ali, entregues á regencia dum maioral (que não raro acontece ser pouco maior do que eles), falam para publico em unisono, dizendo as mesmas coisas, repetindo os mesmos argumentos, em voz mais alta ou mais baixa, e, valendo-se do eco que esperam ter nos seus correligionarios da provincia, vão até ao descaro de se apresentar como que falando em nome da nação. «O país quere», dizem. «A nação manda», afirmam. «A opinião publica está comnosco», replicam. E é em nome dessa susposta opinião publica que praticam actos sucessivos de valor politico, constitucionais ou inconstitucionais, legalistas ou revolucionarios, com que vão criando ao país circunstancias imprevistas e lamentaveis.

Ora o problema da administração publica, como todos os problemas de caracter scientifico, deve ser posto nos seus termos precisos, para ser bem resolvido. E', por consequencia, fundamentalmente, uma questão doutrinaria.

Mas os srs. «anonimos» fogem tanto das questões de doutrina como o diabo da cruz. Fogem, porque não sabem nem podem competir, na discussão e no estudo, com os que estudam e servem as ideias elevadas e superiormente inteligentes. Quando uma questão desta natureza lhes é posta, ao principio ainda erguem a cabeça e arregalam os olhos inexpressivos; mas logo se recolhem para dentro do seu desdem mortiço, porque tudo lhes parece como um dia enublado que nada lhes permite ves, nem de longe nem de perto.

Pois bem. Os srs. «anonimos» querem voltar ao parlamento. Teem os *seus* votos assegurados por uma engrenagem eleiçoeira que é a negação completa do verdadeiro espirito democratico — livre, espontaneo, voluntario, consciente. Essa engrenagem herdaram-na da monarquia, e teem-na conservado tão religiosamente como se fôra um presepio digno de museu, a que não faltam cordeiros para imolar nem a inocencia do voto que é o menino-Deus que eles adoram. Eles sabem muito bem como é preciso firmar a influecia que deriva dessa engrenagem. E' preciso fazer favores pessoais, clinica gratuita, advocacia gratuita, e, sobretudo, a procuradoria politica no Terreiro do Paço e nas repartições do Estado, a fim de obter nomeações, transferencias de funcionarios, anulações de multas e das obrigações militares, e, raramente, algum beneficio local colectivo.

Mas estes são os pés pôdres e quebradiços em que, de longa data, assenta a mesa eleitoral da metropole e das colonias.

Atentem bem nisto todos os que me estão lendo. Foi este um grande mal na monarquia. Pode ser este o peor mal da Republica.

A Republica, estatuto democratico, fórma de governo essencialmente popular, é, sem duvida, o regime mais compativel com a profunda transformação social e economica que Portugal nesta hora—como, de resto, o mundo inteiro—está sofrendo e aceitando como um fenomeno inevitavel e consequente da grande guerra. Mas a Republica, constituida assim por estes valores politicos, vive num equilibrio sempre instavel; ou, por outra, faz prodigios para manter em correspondente equilibrio os poderes do Estado, o que, aliás, consegue com tanta mais dificuldade quanto é certo que a trepidação dos acontecimentos fatalmente ocasiona que esses mesmos poderes se invadam, uns aos outros.

Em boa verdade, porém, a origem deste mal vem de longe. Na monarquia ainda se resguardava um pouco por detrás de uma oratoria decente e academica. Mas na Republica...

Um exemplo. Em 1913 era «czar» do novo regime o sr. dr. Afonso Costa. Por direito do talento e de assinalados serviços tinha conquistado o mais alto logar do prestigio politico nacional. Os seus mais encarniçados adversarios lhe reconheciam a primazia. Mas o sr. dr. Afonso Costa, oriundo da mesma olaria que nos fabrica a todos nós, homens, de barro quebradiço e fragil, sofria por vezes da ilusão de optica de quem sobe a uma torre, alta, e dela enxerga na terra o rodopiar dos homens e das paixões humanas.

Em baixo, lá muito em baixo, na lama e na miseria, os homens davam-lhe a impressão de formigas, pontos insignificantes, que qualquer pé de vento, mais forte, poderia arrastar, ou qualquer migalha de pão poderia entreter. Mas, vamos ao caso. Nesse tempo—tratava-se das primeiras eleições suplementares que houve na Republica—era preciso eleger um deputado por Coimbra.

Em Coimbra predominava então a força eleitoral do partido democratico que estava no poder. E o sr. dr. Afonso Costa que teve de escolher o candidato (porque a abdicação dos seus partidarios na pessoa do chefe era quasi absoluta, para não dizer absoluta) escolheu quem? Um professor da Universidade? Um professor do liceu? Um homem de letras? Um artista ou critico de arte, de nomeada? Quem escolheu o sr. dr. Afonso Costa para representar a Lusa-Athenas, a cidade tradicional da cultura portuguesa, a terra celebrada de uma das mais velhas universidades da Europa? Quem? O simpaticissimo septuagenario Manuel Antonio da Costa, falecido ha poucos anos, reliquia do velho partido republicano, absolutamente bom e inocente, mas que toda a sua vida, de honrado comerciante, não fizera outra coisa, nem se habilitara para mais, do que para fabricar amendoas! Quando lhe observei, com estranheza, a inconveniencia de tal escolha, porque tinha de ser nula a colaboração do indigitado «parlamentar» na camara dos deputados, o sr. dr. Afonso Costa objectou-me, com um leve sorriso ironico, que tinha no Parlamento muito quem falasse, e ele do que precisava (presto aqui as minhas homenagens á sinceridade das suas intenções), para prosseguir na obra republicana e patriotica que encetara no governo provisorio, era de votos. Quer dizer, o pobre Manuel Antonio da Costa foi eleito deputado só para votar, E quem sabe? Antes assim. Dou razão ao sr. dr. Afonso Costa. Outros, tantos outros que lá foram, que lá têm ido, sofrendo da mesma invalidez de espirito, usaram e abusaram da respectiva... «eloquencia».

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

GREVE FURADA!

Uma chavena de café passou a custar 25 cent.

Em que se fala do triunfo do sr. Teles e da resignação dos frequentadores da "Brasileira"

Pois hoje, a meio da tarde, quando entrámos na *Brasileira*, julgando-a deserta, agonisante, arrancado o *ukase* do sr. Teles que elevou o café *biquinha* para 20 centavos—contando com a gorgeta, 25—e feitas em estilhas as mesas pre-historicas que, em três filas, enchem a pequena sala, grande foi a nossa surpresa ao verificarmos que a clientela, fazendo ouvidos de mercador aos brados de revolta que tal prepotencia suscitou, com resignação e por tarifa tão alta, sorvia gulosamente o precioso liquido...

Inscrevemos mais um algarismo na lista por demais extensa das nossas desilusões. Depois, consultámos a consciencia. Beber ou não beber? Ser ou não ser *amarelo?* Alguns minutos de indecisão e, por fim, a adopção da linha de equilibrio, do meio termo. Batemos as palmas:

—João Franco, um chá!

Os freguezes das mesas visinhas olharam-nos com uma malicia sorrateira. E o doirado liquido veio, ao preço de 30 centavos duas chavenas, para demonstração completa de estar muito longe ainda de constituir um sucedaneo do café.

Agua morna, agua sem gosto... Entretanto, a pituitaria irritava-se com a proximidade dos vapores da cafeina e a decisão energica de resistir á voracidade do sr. Teles iniciava uma curva de decrescimento que ameaçava finalizar na bandeja niquelada do *garçon*...

* * *

Dez minutos de resistencia. Na vida, costumamos contar, pelo relogio, a duração das tragedias intimas... E a unica noção possivel da sua intensidade. Afim, num palmear de varde, fizemos tremular a bandeira branca da capitulação e pedimos, em suplica quasi:

—João! Venha lá esse café!... Esse café...

O adversario, que não é generoso, acolhe com uma risada sardonica, irritantemente sardonica, a nossa subserviencia. Arqueia o braço e, treinado, faz correr a fita negra do liquido para a chavenazita ordinaria, cheia de lascas, encontrada nalgum caixote de despejos que o sr. Teles, anti-higienicamente, acamaradando com algum taberneiro de Alfama, por preço tão exagerado usa pôr á nossa disposição.

* * *

A raça portuguesa vai perdendo as suas tradicionais virtudes. Já não existe a coragem de protestar, de reagir contra os abusos dos ambiciosos. O sr. Teles, subvencionado pelo governo brasileiro, para fazer a propaganda do café de S. Paulo, exorbita nas suas funções, o que nos habilita a categorizá-lo de *indesejavel.*

Sr. Cunha Leal! V. ex.ª, que é um frequentador moderado da *Brasileira*, que algumas vezes nos secundou no engorgitar das saborosas *biquinhas*, não deve ficar indiferente perante este acontecimento. Impõe-se uma energica intervenção do sr. dr. Julio Dantas junto do sr. Fontoura Xavier, a fim de se averiguar se o sr. Teles é ou não, um agente dos nativistas do sr. conde Afonso Celso, em Portugal!

A fuga da "Micas Gouveia"

O oficial de diligencias Marques Vilar não teve conivencia nela

Melhor informados por pessoas insuspeitas sabemos agora que o sr. João Pedro Marques Vilar Junior, oficial de diligencias do Tribunal de Defesa Social, não teve conivencia na fuga da conhecida gatuna «Micas Gouveia». Esta, fingindo um ataque de nervos, começou a rasgar-se, pedindo as pessoas presentes com insistencia ao sr. Marques Vilar que a deixasse despedir da mãe. Depois de muito instado, acedeu aquele senhor ao pedido, sendo então que a «Micas Gouveia» entrou num predio, saindo naturalmente pelo lado oposto.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

VIDA SPORTIVA

Os desafios de 'foot-ball' que ontem se realizaram

O Vitoria derrota o Casa Pia por 4 a 2—Os Belenenses vencem o Carcavelinhos por 3 a 0

Com regular assistencia, realizaram-se ontem em Palhavã estes dois encontros. Se, como nós, o publico assistiu aos desafios jogados a semana transacta pelos «tchecos», deve ter saído do campo de Palhavã muito aborrecido com o jôgo dos 4 «teams», mas principalmente com o do Casa Pia, tal a falta de associação desenvolvida. Mas vamos á descrição.

Rebelo da Silva dá principio ao 1.º encontro. Aos casapianos falta Oliveira, que nos dizem não volta a jogar. As avançadas executam-se num e noutro campo. D. Neves, que joga no seu antigo logar de extremo direita, tem 2 centros seguidos impecaveis, mas que M. Ledo perde junto dos postes. Gralha tem tambem 2 bons centros. Viegas segue mal a trajectoria do 2.º e não a desvia. Loureiro, um pouco indeciso, não aproveita uma bola certa. A bola é colocada nos pés de D. Neves, que passa a Gouveia. Centra magnificamente. A bola cai junto das redes de Guerra. Almeida, tentando aliviar, impossibilita Guerra de o fazer e a bola entra.

Pouco tempo depois novo centro de Neves dá o 2.º «goal» ao Vitória. O Casa Pia tenta reagir, mas a desorientação é geral.

Perto das redes os avançados perdem as bolas. Lopes consegue emfim o 1.º, para o seu club. E assim termina o primeiro tempo.

Entra-se no 2.º tempo. Os 3 avançados centros de Setubal fazem 5 fugidas seguidas, passando Pinto e Santos, pois sós, diante da rêde de Guerra, só conseguem marcar na 5.ª, fugida o seu 3.º «goal».

Maior falta de remate não é possivel. Chega a parecer incrivel, mas é assim. A bola vem para o centro, mas pouco depois o Vitória marca o seu 4.º e ultimo «goal». O jogo agora está no campo do Victoria.

O Casa Pia ataca, mas não consegue marcar. O Vitoria perde mais algumas ocasiões de aumentar o seu activo. Lopes segura bem uma passagem de Loureiro e marca o 2.º e ultimo para o seu grupo. Bola ao centro. O Vitória sae e leva a bola até Guerra, sem obstaculos, e aí (!!!) de novo falha. O desafio termina por 4 a 2 a favor do Vitória. O Casa Pia deve á falta de remate da linha avançada do Vitoria o não ter sofrido maior derrota.

No Casa Pia o unico que melhor se portou foi Lopes; O Vitoria, embora com pouca associação, servindo-se da sua rapidez aproveitaram bem o mau jogo desenvolvido pelo seu adversario. Precizam, porem, de criar serenidade, para rematar. Foi por falta dela que deixaram «pelo menos» de marcar mais 4 «goals».

A arbitragem de Rebelo não foi das melhores.

O segundo desafio

Albertino Gomes faz alinhar os «teams» do segundo desafio. Sai o Carcavelinhos, que perde em seguida a bola. Os avançados dos Belenenses, em avançadas continuas e rapidas, dominam o campo defendido pelo Carcavelinhos; pela eterna falta de remate dos nossos jogadores, a bola bate nas traves, nos pés dos adversarios, em toda a parte, mas não entra. Por fim A. Rio em «shut» livre de marcar boa, a bola é expelida, e entra juntamente com alguns jogadores nas redes do Carcavelinhos. Pouco depois, seu irmão marca o segundo e termina a primeira parte, tendo o «keeper» dos Belenenses feito apenas 2 defezas.

Na 2.ª o jogo, embora se equilibrasse, não foi melhor, continuando os Belenenses com falta de remate perdendo algumas bolas certas.

Foi ainda A. Rio que escapando-se, executou uma boa fugida até junto dos postes que termina rematando bem alcançando assim o 3.º e ultimo «goal» para o seu club. Pouco tempo passou até se ouvir o apito para terminar o desafio. Ambos os «teams» estiveram fracos em associação, mas com muito folego, principalmente os Belenenses.

As avançadas do Carcavelinhos morreram todas nos pés dos 2 defezas de Belem. M. Duarte como na 1.ª parte, só defendeu 2 bolas.

A arbitragem, de Albertino, imparcial.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte de correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

Principio de incendio

Duas pessoas queimadas

Hoje de manhã, manifestou-se incendio na residencia do sr. Domingos José da Silva, calçada do Conde de Penafiel, 6, 1.º Quando seu filho, Gustavo da Silva acendia o lume com uma caixa de gazolina, esta incendiou-se, pegando-lhe fogo ao fato. Acudiu o pai, que tambem ficou queimado, recolhendo ambos ao hospital no auto-maca do corpo de bombeiros. Depois de pensados, Gustavo da Silva deu entrada na sala de observações e seu pai recolheu a casa.

POLITICA DE ALÉM TUMULO

Os monarquicos tomarão parte no funeral de D. Afonso de Bragança?

D. Tomás de Melo Breyner dá a sua opinião pessoal ao "Diario de Lisboa"

E' o que se pode chamar a politica além tumulo, feita á roda do tumulo de um homem, que nunca foi politico.

Vem a caminho de Lisboa, por esse mar Mediterraneo fora, o vapor português *Patrão Lopes*, trazendo a bordo a preciosa urna funeraria com os restos mortais do sr. D. Afonso de Bragança, infante exilado que morreu em Napoles ha cerca de dois anos.

Está em Lisboa hospedada no Avenida Palace, a Senhora Nevada de Bragança, cujo casamento morganatico com o irmão de D. Carlos I, se realizou em 1918, naquele pequeno salão pobrissimo que é a chancelaria instalada na «calle» Alfonso XII, em Madrid, pontificando o ritual civil da Republica o nosso consul geral, essa figura gentil de diplomata do comercio e do passaporte, dos casamentos e dos contractos, que se chama o dr. Feliz de Carvalho.

Como D. Afonso, tradição volteira de portuguesão, celibatario e bohemio, amando os cavalos e as mulheres, incapaz de uma covardia e de uma intriga, teso, batedor e alheio ás politicas da côrte, como D. Afonso de Bragança no *terminus* da existencia decidiu casar com uma senhora americana da dinastia das americanas que casam com reis, e que não era, claro, de sangue real, os palatinos antigos, os realistas, os monarquicos, todos, ainda os mais tolerantes, os mais leais e os mais honestos, decidiram romper com o seu exprincipe e infante. Além do mais, o casamento consolidou o antigo condestavel do Reino com a Republica. Era uma transigencia moral, á face de um amor serodio, sem beleza nem elegancia—disse-se então. E não se lhe perdoou.

Mas o Infante — figura saudosa de português bom — morreu. A viuva, numa dedicação, suspeita para uns, convencional para outros, sincera para muitos ainda, não descansou emquanto não logrou preparar a vinda da urna com o despojo mortal do esposo de estirpe real para o Pateon de S. Vicente, onde estão os maiores da dinastia, o irmão, o pai, os avós.

Vai fazer-se-lhe o enterro logo que o cadaver chegue a Lisboa. O Estado, na compreensão de um alto dever, presta-lhe honras funebres de capitão general, que por emquanto não estão assentes em detalhe.

E os monarquicos? Os realistas que tanta vez elogiaram a coragem, a energia moral e até a desenvoltura travessa do filho de D. Maria Pia de Saboia?

Os monarquicos — temos ouvido—estão ainda na duvida se hão de ir ou não hão de ir ao enterro, que feito pelo Estado republicano e pela viuva «aventureira»—dois inimigos. A politica dinastica e a politica convencional tramam assim além tumulo as suas malhas.

Com justiça, com razão, com um principio altivo de intransigencia? Não sabemos. Talvez. Mas é como acima dizemos.

Ontem no bota-fora, mesquinhamente concorrido para a circunstancia, da ex-imperatriz Zita de Bourbon e Habsburgo—gracil e orgulhosa linha de mulher, irmã de dezenove irmãos, neta de um principe e rei português, tendo assim na Raça o predestino das aventuras e dos exilios—ontem, dizemos, encontrámos na «gare» o sr. D. Tomaz de Melo Breyner, ilustre figura marcante da politica realista da banda de D. Manuel e espirito de sabio e de artista a muitos titulos interessante. D. Tomaz de Melo Breyner vinha «ver sua magestade, render-lhe de longe o seu cumprimento»; cumpria um dever de lealdade, ainda que o miguelismo seja sempre para os cartistas uma facção dinastica suspeita.

—O que ha do enterro de D. Afonso de Bragança?

—Mas nada sei. Nem podia saber...

—Diz-se que os monarquicos não pensam unanimemente ácêrca da maneira de prestar a homenagem funebre ao infante.

—Nada me consta... E' possivel...

—Mas a opinião de v. ex.ª?

—A minha opinião?! Eu vou ao funeral! Através de tudo só pensarei numa coisa: dentro daquela urna vai o despojo de um infante lealissimo e valente, irmão de um grande rei que foi de Portugal. Por que não segui-lo?

—Que outras honras lhe prestarão os monarquicos?

—Isso não sei. Eu só sei de mim, por emquanto. Sou monarquico. Não sou *talassa*. Fui amigo de D. Afonso. Tinhamos a mesma idade. Brincámos em pequenitos. Fizemos a vida juntos. Porque não, pois?

—D. Tomás tem culto pela memoria do infante?

—Bem vê. D. Afonso não reinou. O seu papel foi diverso do papel de um monarca. Mas foi um homem leal, serio, valente e respeitador. Não contribuiu absolutamente em coisa alguma para o mal deste país e só para o seu bem, na esfera da sua acção trabalhou. Depois — nunca quiz nada com a politica. Uma vez...

— Uma vez...

— Uma vez vieram do Porto — ha já muitos anos — deputações militares convidá-lo para uma especie de juntas.

—«Não! Não acerto! Não entro! Isso são negocios de politica! Eu não quero nada com politica!»

«Eu sou simplesmente ajudante de campo de Sua Majestade!»

E correu, á sua maneira, com os delegados. Foi um bom filho, um bom irmão, um bom tio. Quando mataram Sua Majestade portou-se valentissimamente. Depois velou sempre por Sua Majestade D. Manuel II. Porque não hei-de eu ir ao funeral? Ainda que ele fôsse feito a expensas de Armando de Azevedo . . .

A ex-imperatriz atravessava as alas de partidarios respeitosissimos, tomava agora a entrada do Salão. A neta de D. Miguel levava ao lado, como de braço dado, o marquês do Lavradio, secretario de D. Manuel II, por sua vez neto de D. Pedro IV. D. Tomás de Melo Breyner tirou do bolso a sua luneta, fixou, fixou muito bem e curvou-se respeitosamente. A linha do monarquico elegantemente moral não se desmanchou na leve curvatura do seu tronco, habituado ás curvaturas debruçadas sobre os doentes e sobre os mortos.

Não sei se já repararam que os medicos, á fôrça de lidar com a morte, se curvam diante da vida de uma maneira muito mais facil...

A nova subvenção

Os fiscais dos impostos protestam

Os fiscais dos impostos reclamaram perante o chefe do governo e o sr. ministro das finanças, contra o facto de o decreto da nova subvenção diferencial colocá-los em situação inferior á dos seus colegas do ministerio da agricultura.

Os ex-combatentes

oferecem o seu apoio ao governo

A comissão organizadora da Liga dos Excombatentes da Grande Guerra comunicou ao governo ter resolvido apoiar a obra de regeneração nacional, em que está empenhado o ministerio a que preside o sr. Cunha Leal.

Os Teatros

A festa dos autores da "Moreninha"

Na quinta feira realiza-se no teatro S. Luís a festa dos autores da «Moreninha», a engraçada e artistica opereta que tão extraordinario sucesso tem tido ultimamente. José Paulo da Camara e Humberto Luna estão tão seguros do exito da sua festa que juraram aos seus deuses, não passar bilhetes, esperando que a casa se encha. A «Moreninha» casará, sem duvida, na quinta feira, com o mais caloroso entusiasmo de palmas de que ha memoria em Portuga!

Atraz do reposteiro

O Nacional, como medida necessaria á sua nova administração, a fim de metodizar serviços e regularisar trabalhos de ensaios referentes a peças que vão imediatamente remontar-se, ou pôr-se em scena de novo, não dá espectaculos amanhã, quarta e quinta-feira, efectuando impreterivelmente, na proxima sexta-feira, a 4.ª recita de assinatura desta epoca, com a «première» da peça espanhola, dos irmãos Quintero, «O Centenario», que em 1909 obteve um encantador successo, pela sua beleza literaria e pela suavidade da sua acção. Os principais papeis foram distribuidos a José Ricardo, Ilda Stichini, Augusta Cordeiro, Joaquina Costa e Rafael Marques, sendo a «mise-en-scène», de Augusto de Melo.

—O actor Mario Pedro, recentemente regressado do Brasil, reaparece brevemente na companhia Lucilia Simões, na noite da festa desta artista e num papel de destaque.

—Companhias a embarcar brevemente para as ilhas: a de Palmira Bastos, com todos os seus elementos e o seu largo repertorio, e a de Alves da Cunha, que ali vai pela primeira vez e cujo nome é já muito apreciado.

—O actor Carlos de Oliveira, actualmente nos Açores, parece que se dispõe a dissolver a companhia que organizou e que destinava levar ao Brasil, porque tendo contado com uma oferta que os T. M. E., na sua anterior gerencia, lhe tinham feito de facilidades nas passagens, estas lhe foram recusadas pela actual administração. Afirma-se que este regime de concessões a varios artistas terminou completamente por determinação do respectivo ministro.

—Temos todos os motivos para corroborar duas noticias que demos e que, em verdade, ninguem poderá contestar: a referente á proxima reconstrução do Ginasio, para o que será facil constatar com a entrada recente de materiais para dentro das actuais ruinas do velho teatro, e aquela em que afirmávamos que as peças destinadas ao concurso que vai realizar-se no Nacional foram entregues a um unico empregado daquele teatro, cuja respeitabilidade está acima de todas as insidias.

—No Nacional entra já hoje em ensaios a peça «Primerose», para uma proxima «reprise», em recita extraordinaria. O sr. Augusto Pina, actual administrador, ocupa-se tambem da recita a realizar no dia 17, comemorativa do tri-centenario de Molière.

—Vão adiantadissimos no Eden os ensaios do quadro novo da revista «Tic-Tac», intitulado «1922», para recita do actor Nascimento Fernandes.

—Tambem foi contratado para a companhia Lucilia Simões, com a qual vai para o Brasil depois de concluir a temporada no Nacional, o actor Mario Santos.

—Afirma-se que vai entrar num periodo de maior celeridade o processo comercial que motivou recentemente o encerramento judicial do teatro Politeama.

—A comedia que os festejados escritores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos vão brevemente adaptar, destina-se a fazer a epoca de Carnaval num dos nossos primeiros teatros.

—Acentua-se, de peça para peça, o successo obtido no Porto, no teatro S. João, pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, dois artistas que o publico das duas capitais estimam sinceramente, a despeito da teia de intrigas em que teem pretendido enredá-los algumas maldizentes. Amelia Rey Colaço tem merecido da critica e da imprensa do Porto os maiores encomios ao seu talento e ás suas raras qualidades de artista.

—Realiza-se hoje no Porto, no restaurante Camanho, um almoço de homenagem ao «costumier» Jaime Vilverde, oferecido pelo seu colega Castelo Branco, de Lisboa, assistindo o empresario Luís Runa e varios artistas.

—O sr. Mario Duarte, no funeral de Pato Moniz, não representava, como se disse, o teatro Terreiro. Foi ali como amigo que foi do falecido e representar o empresario Armando de Vasconcelos, a pedido deste.

—A companhia Otelo de Carvalho fará, em 1923, uma grande «tournée» a terras brasileiras.

—O primeiro numero novo que a actriz Laura Costa desempenhará na «Bichinha Gata» intitula-se «Mademoiselle Pum!».

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

UM PORTUGUÊS COMPREENDIDO

José Loureiro, empresario do Brasil

revela ao "Diario de Lisboa" o seu programa teatral para as epocas de 1922 e 1923

A gente que lê jornais e que passa os olhos quotidianamente sobre as secções reservadas a assuntos de teatro, deve ter visto, repetidas vezes batido, o nome de José Loureiro, o emprezario português que no Brasil honra e dignifica a nossa terra. Já aqui o disse nestas colunas. José Loureiro não é, a despeito da sua modestia, do seu feitio reservado, um homem vulgar, porque é, sem qualquer especie de lisonja, uma figura prestigiosa, das poucas que ensinam á moderna geração como se trabalha, como se resiste e como se vence. Nas notas que tracei no *Diario de Lisboa* sobre a sua personalidade, eu pretendi, então, apontá-lo como um exemplo, nesta hora em que os valores rareiam e que as capacidades marcam com um cunho vigoroso. Agora desejei apenas interrogar o emprezario sobre os seus planos e, nesse proposito, fui procurá-lo aos seus aposentos no Hotel Francfort. Emquanto ele, numa outra dependencia, resolvia um assunto da sua competencia, eu quedava-me sentado á sua mesa de trabalho, para o *reporter*, naquele momento, convertida num manancial de preciosas revelações, por ventura bem maiores do que aquelas que o meu entrevistado, tão pouco falador como de costume, seria capaz de fornecer-me. E o jornalista, sempre indiscreto, viu na sua frente uma carta aberta e um rôlo de papel cuidadosamente colocado sobre esta; um maço de boletins e de balancetes e ainda um sem numero de envelopes com epistolas, provenientes de varias partes da Europa e do Brasil. A carta tinha a assinatura do sr. Jaime Atias, o ilustre oficial da Armada que exerce o elevado cargo de secretario da Presidencia da Republica, e, gentilissima, comunicava a José Loureiro, que o venerando Chefe do Estado o incumbia da honra de lhe transmitir que, em homenagem aos seus altos serviços prestados no Brasil como português e a favor dos portugueses e de Portugal, lhe conferia o grau de comendador da Ordem de Cristo. O rôlo continha o respectivo diploma, com as assinaturas do sr. dr. Antonio José de Almeida e do illustre ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. dr. Julio Dantas.

Vejamos agora o que me revelaram os outros papeis, na eloquencia que os numeros põem sempre em assuntos de negocios e que eu descreverei com a fidelidade com que a minha memoria poude apreende-los. Os balancetes e boletins remetidos pelos secretarios de José Loureiro junto das duas dezenas de companhias de teatro que actualmente estão trabalhando no Rio de Janeiro e em varios Estados do Brasil acusavam o movimento brutal que os seus negocios realisam quasi dia a dia. E, assim, enquanto uma dessas folhas de papel me dizia que em caixa havia um capital efetivado, em numerario, de 2.000 contos brasileiros, as outras indicavam os lucros efetuados, numa só quinzena, por cada uma dessas companhias. Rapidamente, para não ser surpreendido nesta investigação mais do que pericial, eu poude vêr que uma companhia lirica, funcionando em S. Paulo, obtivera a receita liquida, nesses quinze dias, de 30 contos, e que a de Esperanza Iris, a mesma que ha tempos vimos no S. Luís, realisara, no mesmo tempo, 47 contos. Os outros balancetes, com excepção de um só, referente a uma «troupe» de revistas, em *tournée*, que tivera um prejuizo quasi ridiculo, todos eles indicavam receitas brilhantes, que os teatros de Lisboa já se habituaram a não saber registar. Total, nessa quinzena famosa, um lucro de 152 contos!...

Confesso-te leitor que esfreguei os olhos para me certificar melhor e que ia a manusear mais ainda a papelada reveladora do esforço gigantesco daquele homem, quando ele me apareceu, mais fleumatico do que habitualmente, olhando-me com os seus olhos de uma meiguice infantil, o seu sorriso afavel e acolhedor. Fixei aqueles 41 anos de resistencia e de iniciativas e repeti-lhe a solicitação de uma entrevista para o *Diario de Lisboa*.

—Uma entrevista, agora, quando ainda eu tenho por concluir varios dos assuntos que me trouxeram á Europa?... E, depois, v. sabe, eu estou naturalmente comovido e sensibilizado com a deferencia com que me honraram s. ex.ª o sr. Presidente da Republica e o sr. ministro dos Estrangeiros. Bem pouco tenho feito pela nossa terra, no Brasil, que não fosse dever meu havê-lo realizado. Ao Brasil devo a minha situação; a Portugal e a portugueses devo a gratidão de me terem aberto o caminho da felicidade. E' demais que eu suavise, além-Atlantico, as amarguras e as dificuldades dos meus compatriotas? Não cumpro quasi uma obrigação associando aos meus interesses todos os artistas que, pela sua categoria e o seu esforço, igualmente teem honrado a sua arte no Brasil? Bem vê que os meus actos não são mais do que humanos, que as minhas liberalidades, se as tenho tido, foram-me impostas por aquela solidariedade que modernamente nos força, mais do que justamente, a dividir com os nossos colaboradores o ouro que a nossa audacia e o nosso método nos fornece.

—Mas a protecção aos portugueses desempregados, a repatriação de muitos, o auxilio monetario a tantos que ingloriamente por lá labutam e sofrem?

—E' ainda um dever que me impuz, sem sugestões, nem solicitações para o fazer. A obra da criação de fundos para protecção aos desempregados portugueses não é só minha, porque para ela me emprestaram a sua colaboração patricios ilustres, comerciantes, jornalistas, etc. O capital dessa caixa é hoje já formidavel e posso afirmar-lhe que dentro em breve êle será em tal quantidade que poderemos atender a todos que apelem para êle. De varios lados vêem as contribuições e, quanto a mim, áparte as minhas cótas isoladas e até os subsidios de caracter puramente particular, instituí como preceito e como obrigação, nos meus negocios de teatro, dois beneficios, cada ano, no Teatro Lirico, pela maior companhia lirica que houver de contratar; cinco caixas para donativos em todos os teatros; a receita de cinco cadeiras em cada espectaculo que se efectuar em beneficio de artistas, ou recitas particulares, e o produto total das entradas de favor concedidas em todos os teatros da minha exploração. Não sei fazer frases, nem cultivo as tiradas filosoficas. O meu ideal é ajudar toda a gente.

—E quanto ás suas explorações teatrais?

—Conforme já lhe disse, falta-me apenas arrumar pequenas negociações. O grosso do meu programa está elaborado, e no que respeita ás *démarches* a fazer no nosso país tenho-as concluidas. Apenas me contraria a não realisação de um negocio que, de ha tempos, havia combinado com o actor Rafael Marques e para o qual, tanto eu como ele, contámos com a colaboração de Angela Pinto, ainda agora querida e estimada em todo o Brasil. Simplesmente, a proposta desta artista, que eu muito aprecio e considero, tornou irrealizavel essa *tournée* que se me afigurava brilhantissima. No resto, felizmente, tudo foi pelo melhor, e, assim, posso anunciar-lhe que em março parte já a companhia de revistas do teatro Apolo, empreza Augusto Gomes e direcção do actor Henrique Alves. Em abril seguirá a companhia Lucilia Simões, actualmente no Politeama, dirigida por Erico Braga, debutando no Rio de Janeiro, no Palace-Teatro; em maio partirá a de Satanela-Amarante, actualmente no Avenida; em agosto a de Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro, para o Rio Grande do Sul e todos os Estados do Brasil e, finalmente, em setembro, a de Maria Matos e Mendonça de Carvalho, para o Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.

—E para o ano que vem?

—Para a temporada de 1923 fechei contracto com a companhia de revistas de Luiz Ruas, actualmente trabalhando no Nacional, do Porto; com a de Armando de Vasconcelos, com a de Rey Colaço-Robles Monteiro, estando ainda em negociações com a de Alves da Cunha. Registe que, presentemente, estão funcionando no Brasil por minha conta as companhias de Aura Abranches, a de Leopoldo Froes e a de Esperanza Iris, não falando nas que exploro em sociedade com o grande emprezario italiano Walter Mocchi, que é um colosso de organizador, em negocios que se realizam, não só no Brasil, como na Argentina e no Uruguay.

—E companhias estrangeiras?

—Ao Brasil vão este ano todas as seguintes: de opereta italiana Italo Bertini, que embarca no dia 1 de março em Napoles; a de opera lirica italiana dirigida pelo maestro Arturo de Angeles e Biloro, a embarcar em Genova no mês de abril; a companhia de opereta espanhola Helena Dalgy, actualmente no Chile, a embarcar em fevereiro, e a grande companhia de circo norte americana Shipp and Feltus, a embarcar no mês de maio em New-York. As que vão, em comandita com Walter Mocchi, são as seguintes: companhia de revistas e opereta francesa do teatro Folies Bergeres, de Paris, para a qual já abonámos um milhão seiscentos e cincoenta mil francos, constituida por inumeras figuras e 32 bailarinas inglesas e francesas; uma companhia de opereta alemã, uma companhia de opereta espanhola, que vou contratar brevemente a Madrid ou a Barcelona; a companhia dramatica italiana de Mario Nicodemi e uma companhia dramatica francesa, todas estas para fazerem as temporadas oficiais nos teatros Municipal, do Rio de Janeiro, e em S. Paulo. Para as festas do Centenario da Independencia do Brasil seguirá de Italia a grande companhia de opera italiana que já trabalhou no Rio de Janeiro o ano passado, organizada com as maiores celebridades, constituida por 260 figuras e que, só em passagens, custou na ultima temporada a bagatela de 470 contos.

José Loureiro tinha acabado de me revelar o mais vasto e o mais espantoso plano teatral que seria possivel conceber. Estava sereno, tranquilo, sem o menor vislumbre de vaidade ou de receio pela incerteza de qualquer destas tentativas arrojadas. Notei-lho sinceramente o facto e, ele, como remate desta palestra, concluiu:

—Sou sempre assim. E assim são tambem os meus colaboradores e os meus empregados. Ninguem se perturba; nenhum serviço se baralha. Tudo corre serenamente. Todos têm os seus habitos regularizados. Eu faço a minha vida sem a menor agitação e até o meu secretario geral, a creatura por cujas mãos perpassam milhares de contos, tem tempo para gastar uma hora a tomar café, sem que isso lhe faça nenhuma falta.

Nobre Martins.

A Portuense

Companhia de Seguros
S. A. R. L.

FUNDADA EM 1902

Capital: Esc. . . . . 500.000$00
Realizado » . . . . 50.000$00
Fundo Reserva. . . 95.000$00

SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS

Agencia em Lisboa
Rua das Pedras Negras, 30-1.º
Telegramas:—COSDUARTE
Telef.:—C. 1799

Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA
MAQUINAS ELECTRICAS
GARBE LAHMEYER & Co A. G.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação
entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes
Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

A PRESTAÇÕES
Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

VACINAS E SOROS
MULFORD
MICROSCÓPIOS E MICRÓTOMOS
KORISTKA
APARELHOS DE LABORATÓRIO
ÁLVARO CAMPOS, L.da
LISBOA L. DUAS IGREJAS
PORTO R. SÁ DA BANDEIRA

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

TRABALHA-SE PARA O EQUILIBRIO EUROPEU

A CONFERENCIA DE GENOVA REUNE EM MARÇO

Aumenta a importancia da divida alemã — E' proibido o uso de gazes asfixiantes na guerra

LONDRES, 9

Consta que será feito de Roma o convite ás diversas potencias para assistirem á conferencia que se realizará em Março em Genova. Serão 30 as nações convidadas a fazerem-se representar nessa conferencia, onde se espera ficará restabelecido o equilibrio europeu.—(R.)

LONDRES, 9

Informam de Turim que ao governo da Russia foi comunicado que a Inglaterra e a Italia esperam que Lenine assistirá á conferencia de Genova. — (R.)

LONDRES, 9

Pelos tecnicos financeiros, na conferencia de Cannes, foi aumentada de 500 para 700 milhões de marcos-ouro a importancia devida pela Alemanha em 1922.—(R.)

WASHINGTON, 9.

Foi adoptada pelos Estados Unidos, Japão, Grã-Bretanha, França e Italia a proposta do sr. Root, proibindo o uso de gazes asfixiantes na guerra.

Ficou assente que todas as outras nações serão convidadas a darem o seu acordo a esta resolução.— (R.)

O principe de Galles na sua visita á India

LONDRES, 9

Realizou-se em Mondalay um extraordinario cortejo nocturno em honra do principe de Galles, em visita áquela cidade. O cortejo compunha-se de milhares de pessoas e de uma grande quantidade de animais.—(R.)

Em armazem

Moinhos para ceriais com mós francesas

Mós francesas LA FERTÉ

Aparelhos para limpesa de ceriais

Barcaças para trigo

Escovadores para trigo

Crivos Marot legitimos

Ventoinhas para arrefecimento das mós

Remolhadores automaticos

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.º

Sucessor

JOSÉ J. TEIXEIRA

Avenida da Liberdade, 29, 37

LISBOA

A SORTE DA RUSSIA

REUNEM OS GRANDES INDUSTRIAIS ALIADOS

Os alemães não querem deixar perder a sua influencia na Republica dos "soviets"

Os grandes industriais aliados que reuniram com o fim de tomarem resoluções ácerca da restauração da Russia resolveram em principio oferecer aos alemães uma cooperação subalterna, por meio da qual se verão obrigados a depender de industriais aliados e a entregar parte dos seus lucros, como fazendo parte das reparações.

Logo que demos a noticia ácerca deste assunto, puzemos em duvida a aceitação de tal oferecimento. Como já varias vezes temos exposto largamente, a Alemanha, na Russia, dispõe de facilidades de acção como nenhuma outra nação. A lingua alemã é a mais conhecida de todas as linguas estrangeiras, assim como a propria Alemanha em todos os seus ramos, quer scientificos quer comerciais ou industriais, mas a uma distancia consideravel de qualquer outra nação. Os comerciantes alemães, além de conhecerem melhor do que todos os outros, os mercados russos, e de terem anteriormente á guerra maior actividade na Russia que quaisquer outros, têm hoje uma facilidade de propaganda e de acção na Russia, de ordem politica.

A Alemanha é a unica nação da Europa que não tem hostilisado os «soviets»; circunstancias, mesmo independentes da vontade dos que governam, têm-na levado a procurar os seus elementos de governo na esquerda. As forças da esquerda dominam completamente na Alemanha, e é da vontade dos outros povos que continue sendo assim.

Posto isto, é logico que o governo dos «soviets» procurem favorecer aqueles que nunca foram seus inimigos, como a Alemanha, e não os que, como a França, ainda hoje lhe opõem as maiores dificuldades.

De espaço a espaço, a imprensa francesa tem soltado um grito de alarme: a Alemanha na Russia vai realizar isto... Mas nada de positivo tem chegado ao dominio publico, tanto assim que os industriais aliados, reunidos, numa repentina conferencia, em torno de cuja convocação houve a maior discreção, lembraram-se de oferecer á Alemanha que cooperasse com eles. Antes, porém, de entrarem em acção, julgaram prudente começar por proceder a um rigoroso inquerito.

A França, a Inglaterra, a Italia, têm receio de perder o capital que empregarem na Russia. Entretanto, que tem feito a Alemanha? Só depois daquele oferecimento é que se torna publico no *Excelsior* o que tem sido já a acção da Alemanha na Russia, como uma resposta discreta ao oferecimento de cooperação.

A Alemanha não teve receio de perder dinheiro. O que se sabe, e frizemos bem que é apenas o que se conseguiu saber, é que os «soviets» já encarregaram importantes industriais alemães de lhes fornecerem 700 locomotivas e grandes quantidades de produtos quimicos, cujo valor se eleva a 1.500 milhões de marcos. Por seu lado os «soviets» venderam á Alemanha 12 vagões de peles, madeiras para construção e amianto.

Além destes factos no dominio da troca efectiva, entabolaram-se já negociações para concessões importantes á Alemanha. Já se constituiu no Reich uma Liga, cujo fim é reconstruir e explorar a Russia; o ministerio alemão de Economia formou uma comissão encarregada de ir visitar a Russia.

Emfim, quando soubermos que os instrutores do exercito vermelho são oficiais alemães, compreenderemos bem qual a situação em que a sociedade dos aliados vai encontrar a Alemanha, quando tiver terminado o seu inquerito na Russia.

A nova sociedade terá a seu favor a pressão feita pelos governos do ocidente, que imporão determinadas concessões, grandes concessões, a troco do reconhecimento dos «soviets» como *governo de jure*.

No emtanto, quaisquer que sejam as condições a troco das quais façam ao governo essa concessão, a maior das suas ambições de necessidade iminente, a habilidade dos «soviets» e da Alemanha que ás escondidas de todos, já conseguiu para esta tão grandes privilegios, há-de sempre guardar-lhe um logar primeiro.

Os alemães não se esqueceram de que, mais ano menos ano, os «soviets» seriam reconhecidos, e praticamente, sem se preocuparem com o receio de perderem dinheiro, deixaram para traz os outros paises que os guerreavam e conquistaram-se um logar de que agora será impossivel arrancá-los. O alarme vem tarde demasiado.

STRANGERS' CASINO

MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)

Grandes Espectaculos Animatográficos

BAILE TODAS AS NOITES

QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS

TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS

DANCING-TEA ás 4.as e domingos

NOTAVEIS NUMEROS

— DE —

Variedades e films sensacionais

Brevemente novos atractivos

Mario Machado

Da Escola Dentaria de Paris

Doenças da boca e dentes

CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

DINHEIRO

Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.

Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.

R. DAS GAVEAS, 6, 1.º

TEL. 1.096

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

UMA SESSÃO HISTORICA NO "DAIL EIREANN"

A RATIFICAÇÃO DO ACORDO ANGLO-IRLANDÊS

Ha grandes manifestações de regosijo por toda a Irlanda—O sr. De Valera vai pedir a demissão?

(Serviço especial do «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 9

A ratificação pelo Dail Eireann do acordo anglo-irlandês foi feita por sessenta e quatro votos contra trinta e sete. Apesar da opinião publica ser favoravel ao acordo, ainda subsistiam duvidas sobre a aprovação que foi recebida com contentemento geral. Temia-se que o prestigio pessoal do sr. De Valera conseguisse modificar a opinião de muitos membros do Parlamento irlandês, que se julgava serem partidarios da aprovação. A votação decorreu com tranquilidade, mas notava-se em todos os membros uma grande excitação. O resultado foi aplaudido por grande multidão, que se aglomerava em torno do edificio do Dail Eireann, com grandes manifestações de entusiasmo. O resultado da votação que transforma a Irlanda num estado livre e que a faz senhora dos seus destinos foi conhecido pelo publico antes ainda de ser anunciada á assembleia. Em poucos minutos, a nova espalhou-se por toda a Irlanda, e por toda a parte houve grandes manifestações de regosijo.

Em Dublin e noutras localidades, numerosos grupos de individuos percorreram as ruas cantando, dando vivas e queimando fogo de artificio. A policia mostrava-se satisfeita e não houve um unico motivo que tornasse necessaria a sua intervenção.

Os senhores Collins e Griffith foram delirantemente aclamados. O sr. Griffith foi uma das personalidades que mais contribuiu para a aprovação do tratado, tendo no seu ultimo discurso no Eail Direann afirmado que noventa e oito por cento da população irlandesa desejava a aprovação do tratado, não tendo, portanto, os deputados direito de votar contra ele em tais circunstancias. O sr. Griffith concluiu o seu memoravel discurso dizendo que toda a sua vida tinha sido partidario de que a Irlanda devia ser livre e se o não podia conseguir pela formula republicana admiti-lo-ia pela formula monarquica, porque não desejaria sacrificar o seu país por uma questão de forma de governo.

Quando o resultado da votação foi conhecido, o sr. De Valera ocultou a cabeça nas mãos durante alguns minutos. Depois levantou-se e disse que considerava seu dever pedir a demissão. Comtudo, não a pediu imediatamente, declarando que se ia reunir com os seus partidarios para resolver o caminho a seguir. O sr. Collins propôs que um «comité» dos dois partidos do Dail Eireann fosse nomeado para tomar conta do governo e manifestou a sua alta consideração pessoal pelo sr. De Valera. Este não respondeu a essas palavras de conciliação, tendo-se levantado um pouco mais tarde para falar, mas a comoção não lho permitiu, levantando-se de novo com os olhos rasos de lagrimas.

O «Sunday Times» diz que, quando passar a febre destes ultimos dias, o sr. De Valera reconhecerá que era loucura criminosa o pretender embaraçar o novo governo nos seus propositos de restaurar a lei e de manter a ordem. O mesmo jornal diz que acredita no seu desejo de servir a Irlanda, mas que lhe prestará um mau serviço se pretender manter a recordação das amarguras e os odios do passado.

O «Weekly Dispatch» diz que, estando os negocios irlandeses agora nas suas mãos a atitude do sr. De Valera e dos seus partidarios não tem importancia. Se continuarem a sua politica republicana serão rebeldes contra o Dail Eireann e contra os seus proprios compatriotas.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

O EX-IMPERADOR CARLOS DE HARSBURGO

não abdica dos seus direitos ao trono da Hungria

(Serviço especial do «Diario de Lisboa»)

FUNCHAL, 8

Um jornal de Paris julgou saber que a ex-imperatriz Zita iria brevemente a Budapest ler, perante a assembleia nacional hungara, a carta em que Carlos de Habsburgo abdica dos seus direitos ao trono da Hungria em favor do seu filho Otão.

O «Comercio da Madeira» publica hoje o desmentido, que provem, segundo se afirma, da unica pessoa que podia desmentir a noticia: o ex-imperador Carlos.

O sr. Cunha Leal vae ser exonerado

Dentro de poucos dias, o sr. Cunha Leal, presidente do ministerio, deve ser exonerado, a seu pedido, de director geral da estatistica.

DE LUTO

José Souto Campos Amaral

Está de luto o sr. dr. Veiga Simões, antigo ministro dos negocios estrangeiros, pelo falecimento de seu cunhado, o sr. José Luzo do Souto de Campos Amaral, 3.º secretario da nossa legação em Viena.

O funeral realizou-se hoje, pelas 16 horas, tendo saido o prestito da Quinta das Palmeiras para o cemiterio da Benfica.

O «Diario de Lisboa» apresenta ao sr. dr. Veiga Simões a expressão do seu pesar.

Doenças da bôca, dentes e maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia
Dentes artificiais
Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses.....	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

O MOMENTO POLITICO

"NÃO ME AFASTEI DA POLITICA, AFASTARAM-ME"

Declara ao "Diario de Lisboa" o sr. Manuel Maria Coelho

O chefe do movimento revolucionario de 19 de Outubro quere ir ás Camaras defender-se das acusações que lhe fazem — A sua candidatura é apoiada pelo governo

A entrevista começou no fundo da rua Nova do Almada. O coronel sr. Manuel Maria Coelho, o *comandante*, como ainda lhe chamam e como ele gosta de ser tratado, subia compassadamente a rua, num ar de *flaneur* entre cabeças que se desbarretavam amiude, saudando-o.

O sr. Manuel Maria Coelho tem um certo sobresalto assim que ouviu a palavra entrevista; chegou mesmo a tirar o relogio e esboçar um movimento de desculpa. Mas nós acompanhámo-lo.

O que nós soubemos até á Boa-Hora:

—De politica, de entrevistas, de Cunha Leal, de tudo isto que por aí vai, o que nos diz o sr. comandante?

—Que não sei nada...

—Que não quere dizer nada, melhor. Mas está afastado da politica?

O sr. Manuel Maria Coelho segura a sua pasta cuidadosamente ao peito com o braço esquerdo; mãos crazadas sobre o casacão.

—Não, não me afastei da politica: afastaram-me...

—Eleições a 29. O sr. comandante propõe-se?

—Propõem-me...

—Os outubristas?

—Não. Deve ser o governo.

—Já há um acordo?

—Acordo?... Foi um outubrista que falou nisso a um dos ministros...

—Concordou ele?

—Parece-me que sim. Porque eu não tenho eleitores, nem estou filiado em nenhum partido... Preciso explicar a minha acção no movimento de outubro; responder ás acusações... Mesmo que no governo estivessem os meus peores inimigos deviam-me eleger.

Se o não fizessem seria uma cobardia.

Já vamos juntos da Ferin, no passeio de cá.

—Pois nós julgavamos que v. ex.ª ia com os outubristas...

—Não, não vou...

E porquê?

A pregunta fica sem resposta. Providencialmente, o sr. coronel Manuel Maria Coelho encontra um sargento da G. N. R.

—O que pensa dos outubristas...

—Pairam para aí muitas confusões... Não sei já... gente nova.

—Sempre pairaram.

O entrevistado presta-se a esboçar uma opinião clara. Fala dêle, das eleições e... pouco mais. Depreende-se que não está contente com o que se passa. E com o govêrno? Ora vamos, vamos lá ver se, voltando á pregunta inicial da entrevista de pernas para o ar, conseguimos ouvir uma opinião decisiva.

—V. ex.ª não é de opinião que o movimento de outubro tinha que acabar num governo como este que aí está para se evitarem mais conflitos?

—Isso é um caso para se discutir. Na rua é impossivel. Se houvesse mais sossego!

—V. ex.ª desinteressa-se da politica. Estará arrependido de ter entrado no 19 de outubro?

O sr. Manuel Maria Coelho fica um tudo nada surpreso com a nossa interrogação. Vagamente, diz:

—Ainda não coloquei esse problema no meu pensamento... De politica? Mas se eu não leio jornais, nem falo nela. Olhe, vou ao meu escritorio, depois sigo para a Caixa Geral de Depositos. Sempre por este caminho. Já vê...

—Mas V. Ex.ª na Camara ha de ser fatalmente arrastado a discutir o problema politico.

No escaparate de fotografo, o retrato de Antonio Granjo, um dos assassinados de 19 de outubro. Fotografia curiosa, da sua primeira época politica, quando ele desceu de Chaves a Lisboa, logo a seguir á Republica. Colarinho mole, face barbada, rude, certo ar de cavador e de luctador. O sr. Manuel Maria Coelho não reparou na fotografia. Mas, não sei porquê, insensivelmente o espirito do morto dirigiu a conversa.

—O movimento de 19 de outubro, não falando já nos assassinados que se deram nessa noite tragica...

...

Outro cumprimento, este a duas senhoras que passam. É' já má sorte. Quando o sr. Manuel Maria Coelho vai a dizer qualquer coisa interessante, ha sempre um cumprimento inoportuno. A conversa sai fora dos eixos e o sr. Manuel Maria Coelho aproveita-se sempre disso para pôr ponto final na frase.

—A morte desses homens não fez mudar o destino do país; a sua existencia tambem não o fazia. O caminho de Portugal será sempre o mesmo...

—Para a frente!

—A' roda do 19 de Outubro apareceram muitas vitimas...

—Emquanto fui presidente do ministerio, não. Agora já não sei...

Estavamos na Brazileira. Bifurcam-se os caminhos do entrevistado e do entrevistador. Recorda-se agora uma frase dum grande capitão que á nossa historia déu lustre: mal com os homens por amor do rei; mal com o rei por amor dos homens... Frase aplicavel ao sr. Manuel Maria Coelho, que a aplicaria a seu turno aos partidos e aos outubristas.

A Alemanha no cinema

Uma actriz alemã nos "Misterios do Oriente"

São pouco conhecidos os artistas alemães nos nossos cinemas. O Condes, que prima em apresentar as maiores celebridades da especialidade, vai trazer-nos brevemente a grande actriz alemã Mia Maiz, nos «Misterios do Oriente», um enigmatico «film» de viagens e aventuras, com episodios, que brevemente se estreia. O drama social «A filha do patrão», soberba creação de Suzana Grandais, repete-se hoje, realizando-se no proximo sabado um novo concerto da moda, em que Carlos Milez executará um solo de violoncelo.

CAMBIOS
DIA 9

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	60$000	62$000
Londres, cheque	4 9|14	4 7|16
» 90 d. v.	4 11|16	—
Rio Londres	7 3|8	—
Paris	1$005	1$035
Italia	$541	$557
Bélgica	$960	$988
Suiça	2$422	2$492
Espanha	1$865	1$920
Berlim	$069	$076
Holanda	4$590	4$720
Nova-York	12$530	12$890
Austria	$004	$008
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$000	1$100

O acordo anglo-irlandês

De Valera continúa a mostrar-se irreconciliavel

LONDRES, 9

Por noticias recebidas da Australia sabe-se que a noticia da ratificação do acordo anglo-irlandês foi recebida em todo o país com satisfação.

O sr. Balfour, ao receber a noticia em Washington, exprimiu a sua opinião com uma simples palavra: — Esplendido.

O sr. Briand felicitou pessoalmente o sr. Lloyd George.

De Valera continua aparentemente irreconciliavel, tendo reunido o seu partido em sessão secreta.

Os membros da assembleia, que aprovaram o tratado, reuniram-se particularmente na «Mansion House» em Dublin.—(R.)

CARTAZ

S. Carlos - A's 20,30—11.ª recita de assinatura extraordinaria—«Huguenotes».
Nacional — A's 21—«Casa cercada».
S. Luis —A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,30—«Zázá».
Avenida — A's 21,30—«Pai Simão».
Apolo — A's 21-15 — «E' o levas...»
Chiado Terrasse — A's 21,30—Não ha espectaculo.
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios — A's 20,45 — Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Quintas, sabados e domingos — «O homem macaco».

UM ARTIGO SOBRE POLITICA E POLITICOS

O sr. Cunha Leal e os valores politicos partidarios

(Continuação da 4.ª pagina)

Melhor seria que se firmassem num silencio respeitoso e prudente, limitando-se a ser um simples algarismo de voto.

Mas qual? Quem os detinha? Quem os poderia deter? Este foi, é, e corre o risco de continuar a ser ainda, o maior perigo dos nossos parlamentos.

Vão realizar-se novas eleições no dia 29, daqui a três semanas.

Cuidado, sr. Cunha Leal! Não use de uma excessiva condescendencia em face dos actuais valores politicos partidarios, porque se arrisca a deixar tudo, ou quasi tudo, como de antes. Apesar da proximidade do acto eleitoral, parece-me que é tempo ainda de arripiar caminho.

Ha quem diga mal da instituição parlamentar, condenando-a como inutil ou contraproducente para uma renovadora acção governativa. Não ha, porém, o direito de dizer mal de uma instituição de que se tem feito sempre tão mau uso e que, a meu ver, se tem mantido mal organizada.

Faça-se uma experiencia que, neste momento critico da politica portuguesa, mais do que nunca, urge tentar:—1.º, estabeleça-se uma forte corrente de opinião publica, por meio da imprensa, para que só sejam eleitas pessoas de responsabilidade de espirito, superiormente cultas, o que não quere dizer que se perca de vista a representação dos interesses de todas as classes sociais, que, em conjunto, são os interesses nacionais;—2.º, modifique-se o regimento do Congresso de Republica, para que este funcione á semelhança dos congressos scientificos. O estudo e a discussão faz-se apenas no seio das comissões. Nas sessões plenarias falam os relatores e procede-se á votação. Mas isto é um ponto delicado que precisa de largo desenvolvimento, e, como este artigo já ocupa muito espaço, por aqui me quedo.

João de Deus Ramos

Falta de espaço

Temos em nosso poder duas cartas, que ámanhã publicaremos: uma do sr. Correia da Costa e outra do sr. Jaime Sebrosa. Não o fazemos hoje por falta de espaço.

AO HERPETOL

Devo ó aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o pedecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.